

VARIAÇÕES CONCEPTUAIS SOBRE O LÉXICO NA SEGUNDA METADE DO SÉC. XX

CONCEPTUAL VARIATIONS ABOUT THE LEXICON IN THE SECOND HALF OF THE 20TH CENTURY

Carlos Assunção

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

cassunca@utad.pt

Carla Araújo

Instituto Politécnico de Bragança

carla.araujo@ipb.pt

RESUMO: Este artigo pretende evidenciar a diversidade conceptual em torno do conceito de léxico visto por vários autores e analisar mutações operadas na linguística que permitiram conceder importância primordial ao domínio do léxico. Decorrente da investigação nas diversas disciplinas da linguística contemporânea, propõe-se a recolha de várias aceções de léxico e da sua relação com a gramática. Seguir-se-á a descrição do léxico como domínio de interface, evidenciando que a descrição do universo lexical carece dos conhecimentos de outras disciplinas. A metodologia a seguir é a indicada para a revisão da literatura produzida quer em línguas estrangeiras quer em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Aceções Lexicais; Gramática; Linguística Teórica; Arquitetura Paralela.

ABSTRACT: This paper aims to highlight the conceptual diversity around the concept of lexicon as regarded by several authors while analyzing the changes that were operated in the language sciences in order to allow for the lexical domain to acquire primordial importance. Arising from research in the various disciplines of contemporary linguistics, the collection of several lexical items and its relationship with grammar is proposed. A description of the lexicon as a domain of interface will be undertaken in the following, showing that the description of the lexical universe requires the knowledge

of other disciplines. The methodology that will be followed is indicated for the review of literature produced either in foreign languages or in Portuguese.

KEYWORDS: Lexical Items; Grammar; Theoretical Linguistics; Parallel Architecture

Introdução

A mudança de paradigma no âmbito dos estudos lexicais evidenciou, nas últimas décadas, alterações decorrentes de uma nova conceção do léxico, isto é, o léxico de uma língua não é atualmente perspetivado como um mero repositório das unidades lexicais e das suas idiossincrasias, configurando uma vertente da língua dissociada da gramática, mas antes como uma parte da gramática. Os estudos do léxico passaram também a integrar o objetivo de compreender a forma de estruturação do conhecimento lexical, adquirido e processado a nível mental, passando a linguística a conceber o léxico pluridimensionalmente. Consequentemente, a apreensão do conhecimento lexical necessita da descrição da própria gramática das unidades lexicais.

Tudo isso foi possível graças à investigação realizada pelas diversas disciplinas da linguística que nos permitem aceder, atualmente, a um conhecimento mais rigoroso dos variados tipos de saberes associados ao léxico. Esses saberes contemplam a sua forma oral e escrita, a sua estrutura interna, a flexão e as relações com palavras da mesma família, os respetivos significados, o seu alcance denominativo, as relações com outras unidades no plano sintático, as suas combinatórias, bem como as relações semânticas estabelecidas com outras palavras. A descrição do universo lexical convoca os conhecimentos de outras disciplinas, apresentando-se a lexicologia, em particular, e o estudo das estruturas linguísticas do significado, em geral, como estudos pluridisciplinares.

O escopo desta publicação é apresentar as múltiplas aceções do conceito de léxico a partir da segunda metade do século XX e suas relações com a gramática. Abordaremos os movimentos mais representativos e os pressupostos teórico-metodológicos que motivaram mutações teóricas e metodológicas sobre aquele conceito, desde a década de sessenta do sec. XX até aos alvares do presente século. Autores marcantes desse período como sejam Coseriu, Chomsky, Lasnik, Jackendoff, Bresnan, Biderman, Niklas-Salminen, entre outros, sem esquecer os contributos de linguistas brasileiros e portugueses para este assunto, em muito contribuíram para aquelas mutações. Esta abordagem será feita no capítulo *Conceções de Léxico*; na segunda parte, far-se-á uma sinopse complementar

da primeira destacando-se o léxico como um domínio interface, destacando-se a visão de Rodrigues (2012): a perspetiva da arquitetura paralela.

1. Concepções de léxico

Ao longo de vários séculos, o léxico foi perspetivado como uma vertente da língua dissociada da gramática. Esta perspetiva, que retirou importância ao estudo do léxico, decorre da própria definição de léxico. Uma vez que o facto de ser definido como um “inventário aberto” negava-lhe a possibilidade de sistematização e, portanto, de estudo científico (Rey-Debove, 1970).

Nesse sentido, Josette Rey-Debove (1970) não concede ao léxico o estatuto de objeto de estudo científico dentro da gramática e rejeita a possibilidade de existir uma competência lexical semelhante à competência gramatical. Segundo esta autora, todos os falantes de uma língua dominam o sistema gramatical da mesma, enquanto nenhum deles, individualmente, domina o léxico da sua própria língua, uma vez que o mesmo diz respeito à realidade da comunidade linguística em geral, ou seja, o léxico remete para todos os falantes, em geral, e para nenhum em particular.

No entanto, no âmbito do modelo estruturalista, esta forma de encarar o léxico como um inventário ou paradigma aberto e ilimitado, em oposição ao paradigma gramatical, caracterizado como fechado ou limitado, é rejeitada por alguns autores. De modo que, por exemplo, segundo Coseriu (1977: 211-212),

[...] es cierto que los lexemas que se pueden “seleccionar” (elegir) en el eje paradigmático para funciones tales como “sujeto” o “complemento directo” constituyen series no limitadas. Pero, en este caso, se trata de una selección realizada en el léxico *para funciones gramaticales*, no para funciones léxicas. Por el contrario, la selección propiamente léxica se realiza [...] dentro de paradigmas limitados y delimitables, como los de la gramática. Así, si se tiene que calificar una determinada temperatura por medio de un adjetivo, se elige, por ejemplo, en francés entre *froid*, “frío” - *frais*, “fresco” - *tiède*, “tibio” - *chaud*, “caliente”, [...], del mismo modo como, por ejemplo, para el número gramatical, se elige entre singular y plural (Coseriu 1977: 211-212).

Deste modo, o léxico configura um inventário aberto, se o encararmos do ponto de vista das suas funções gramaticais, porém, os paradigmas lexicais não se apresentam menos visivelmente delimitados que os paradigmas gramaticais, se considerarmos o léxico no ponto de vista das funções lexicais.

Na década de 50 do século passado, a linguística foi influenciada pelas Ciências Cognitivas. Esta influência acarretou mutações na configuração da Gramática Transformacional. As Ciências Cognitivas encaravam o cérebro como um órgão modular. Esta ideia de modularidade expandiu-se aos estudos da linguagem, considerando-se que, no processamento mental da linguagem, existem módulos específicos para procederem à manipulação das distintas dimensões linguísticas (Chomsky, 1965).

No âmbito da linguística teórica, no início da segunda metade do século XX, a sintaxe era a detentora de todos os aspetos da língua. Apesar de Chomsky (1965) ainda conceber o léxico como um depósito de idiossincrasias, definiu-o como uma vertente modular, integrada na componente de base da gramática. Significa, pois, que se manteve a distinção entre o léxico, domínio de idiossincrasias, e a gramática, domínio da regularidade.

Ao longo do século XX, as gramáticas absorvem os resultados das investigações efetuadas em linguística e vão apresentando um carácter cada vez mais descritivo e abrangente. Num artigo publicado por Chomsky e Lasnik (1977), os autores preconizam um modelo de gramática que possui como ponto de partida o léxico. Neste modelo, o léxico concede à sintaxe o *input* para as regras de combinação, entendendo-se, portanto, a sintaxe como o membro que ocupa o lugar central da gramática, como um sistema computacional que permite produzir construções bem formadas. No âmbito deste modelo, outras duas componentes constituem a gramática: a fonologia e a semântica, que possuem, principalmente, uma função interpretativa das estruturas determinadas pela sintaxe. Segundo Brito (2010: 3-4), este modelo, embora evidencie potencialidades, é suscetível de discussão sob várias vertentes:

Em primeiro lugar, a centralidade da Sintaxe não pode implicar a sua autonomia; com efeito, a Sintaxe é parcialmente dependente do significado dos itens lexicais e há interfaces fortes entre a Sintaxe e a Fonologia e entre a Sintaxe e a Semântica. Basta recordar, por exemplo, a questão do foco e dos mecanismos prosódicos a ele associados ou as estruturas argumentais dos predicados e o modo como elas se projetam ou as condições formais da quantificação, da negação e de outros operadores semânticos para compreender as relações fortes entre as componentes centrais da Gramática. Por essa razão, a Sintaxe é concebida atualmente por muitas teorias como a componente que estuda não só as condições de combinação de palavras mas também as condições formais da significação.

Em segundo lugar, o papel do Léxico e a relação com a Sintaxe podem ser perspetivados de vários modos (Brito 2010: 3-4).

Nas décadas de 1960 e 1970, diversos estudos evidenciam a atração e o interesse crescente que os linguistas teóricos passaram a revelar pela lexicografia. No âmbito desses trabalhos, referimos, por exemplo, a teoria semântica de Katz e Fodor (Katz e Fodor, 1963), tal como os estudos de Chomsky (1970) e Jackendoff (1975). Estes autores operaram mudanças que causaram impacto na concepção tradicional do léxico, ao nível da sua estruturação e do seu papel. Nos anos 1980, a *Teoria da Regência e ligação* (*Government-Binding Theory – GB*) (Chomsky, 1981) pretendia diminuir o poder das regras sintáticas. Nesse sentido, diversas propriedades gramaticais passaram a ser encaradas como resultantes das propriedades concatenadas no léxico.

Decorrente da difusão das teorias contrárias ao gerativismo, o léxico ganha o estatuto de componente essencial da gramática. Estas teorias lexicalistas, como por exemplo, a *Gramática Léxico-Funcional* (*Lexico-Functional Grammar – LFG*) (Bresnan, 1982), preconizam que o léxico contém um conjunto de informações sobre as peças léxicas, que lhe permite supervisionar o modo de funcionamento da dimensão gramatical. Deste modo, o léxico é entendido como uma parte central e estruturada da gramática.

Em oposição à visão tradicional do léxico, os paradigmas gramaticais modernos encaram o léxico como

[...] uma componente das línguas que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como matéria-prima na elaboração de raciocínios e na construção de enunciados verbais. A gramática compila as regras, as condições e as restrições que presidem ao funcionamento, aos diversos níveis (fonológico, morfológico, sintático, semântico), das unidades sígnicas, consideradas em frase e em texto. A competência léxicogramatical caldeia, para cada signo, as informações relevantes e necessárias para o cabal desempenho discursivo-pragmático deste (Rio-Torto 2006: 12).

Devido à quantidade elevada de elementos que integra o léxico mental e à complexidade combinatória decorrente dessa quantidade, Mel'čuk (1988) considera que os itens estejam organizados de maneira funcional, para permitir ao falante o acesso rápido, não só ao significado de um item, mas também a todas as suas dimensões funcionais, gramaticais e lexicais, paradigmáticas, sintagmáticas e discursivas.

Para Igor Mel'čuk, André Clas e Alain Polguère (1995 :15), «Le lexique d'une langue prime logiquement sur sa grammaire».

Relativamente à concepção de léxico, Mário Vilela sustenta que

[...] a língua portuguesa é o resultado de uma longa história, e o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações, políticas, económicas, sociais, culturais ou científicas. E o léxico tem três possibilidades para se adaptar a situações novas: câmbios semânticos, empréstimos e formação de palavras (Vilela 1994: 14).

Indo ao encontro da conceção de léxico preconizada por Vilela, Biderman (2001: 179) considera que

embora o Léxico seja património da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua – os falantes – aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. Ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do Léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua [...]. Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico.

Biderman (2001: 13) acrescenta que «[...] a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras».

No que à designação de lexema diz respeito, Mário Vilela entende que

o lexema é o elemento da língua, a forma básica, que fundamenta as possíveis formas do discurso e todos os possíveis significados [...] da palavra. O *lexema* é uma grandeza linguística real, de que dispõe a competência do falante/ouvinte, cujo alcance não é representável pelo uso, mas apenas pela reflexão, ao passo que palavra como palavra léxica [...] é um elemento do discurso, ou atualização de cada uma das possibilidades da forma básica no uso concreto condicionado pelo respetivo contexto (Vilela 1979: 21).

Neste âmbito, como realça Vilela (1994: 25), dever-se-á diferenciar lexema, «a unidade que inclui um dado conjunto de formas ou unidades lexicais, das formas assumidas pelo lexema, e a que se atribui um significado objetivo único». Neste campo de ação, devemos também distinguir sema, ou traço mínimo de conteúdo, de semema, o conjunto de semas correspondente a uma realização possível do significado de um lexema.

O léxico e a gramática não são considerados como duas realidades indissociadas, excetuando as diferentes motivações metodológicas, decorrentes de objetos materiais de análise distintos. Na representação das peças léxicas (Rio-Torto 2006: 1), está incluída a representação das respetivas propriedades gramaticais, morfossintáticas e argumentais, ao nível do número, do esquema e das funções temáticas dos argumentos em causa, tal como das propriedades semântico-conceptuais e instrumentais que sustentam o seu funcionamento em contextos e em situações pragmáticas diversificadas.

Como se pode observar em Rio-Torto (2006: 11),

o estudo das unidades lexicais duma língua não pode fazer-se sem o suporte das regras gramaticais que as enformam e que norteiam a sua configuração e as suas condições de uso; do mesmo modo, o estudo da gramática consubstancia-se necessariamente no estudo das propriedades morfo-sintático-semânticas que caracterizam os signos da língua, nos seus diversos usos discursivo-textuais. [...] Em função da sua natureza, que é pluridimensional, o léxico — e, por conseguinte, o seu estudo —, não se confina a abordagens monodimensionais, envolvendo antes a morfologia das unidades lexicais que o integram, a semântica e a sintaxe interna e externa destas, o funcionamento discursivo-pragmático que os falantes delas fazem.

No entender de Rio-Torto, o léxico é constituído por

[...] (i) palavras invariáveis, isto é, de estrutura interna invariável, e (ii) palavras variáveis, cuja configuração morfológica é afetável por variação sintacticamente determinada, há (iii) palavras funcionais, como as preposições, as conjunções e os conectores em geral, e (iv) palavras ou combinações de palavras a que, por contraste com as gramaticais ou funcionais, e à falta de melhor denominação, se convencionou chamar de unidades lexicais. Trata-se de nomes, de adjetivos, de verbos, mas também de unidades lexicais pluriverbais, mais ou menos abertas a variações na sua estrutura consoante o grau de (não)fixidez que as caracteriza (Rio-Torto 2006: 12).

Apresentando também uma visão polidimensional do léxico, Rodrigues defende que

[...] a língua se encontra organizada numa arquitetura tecida em interfaces, em que cada módulo da língua estabelece contacto com os restantes, independentemente do seu teor. [...] Sendo o domínio (geno)lexical um campo de interfaces entre os níveis fonético-fonológico, morfológico, semântico, sintático e pragmático, só

poderá atingir-se um conhecimento satisfatório do funcionamento das unidades lexicais se se tiverem em consideração todas estas dimensões (Rodrigues 2004: 130).

O léxico contém os traços, isto é, as propriedades que necessitam de ser interpretadas na interface. Nesse sentido, quando um falante verbaliza a palavra "mesa", o léxico possui estes traços que serão entendidos no nível da interface semântica e fonológica. Sendo que a interface entenderá não só estes traços, mas também o modo como estão organizados. De facto, a frase constitui uma organização complexa. Por exemplo, na interface semântica, a frase deverá ser entendida, não apenas relativamente aos traços que a compõem mas também quanto ao modo como os mesmos se encontram organizados e as relações que permitem estabelecer.

Segundo Ana Maria Brito, o papel do léxico e a relação com a sintaxe podem ser analisados de várias perspetivas. Nesse sentido, a autora defende que

As línguas a que Saussure chamava “gramaticais” e que correspondem ao que atualmente chamamos “sintéticas” apresentam vários subtipos morfológicos: há línguas aglutinantes (Turco), há línguas flexionais ou fusionais (Latim, Português, Alemão), há línguas incorporantes (línguas Bantu), há línguas infixantes (Árabe). Sabemos hoje que as línguas são em geral mistas e que língua sintéticas têm processos analíticos (veja-se, em Português, em relação ao género, os pares *homem / mulher, rapaz / rapariga*) [...].

Em textos recentes de Marantz, Alexiadou, ou Ramchand questiona-se a própria existência do Léxico e coloca-se a formação de palavras na Sintaxe.

Esta visão radical tem, no entanto, problemas, uma vez que há inúmeras idiosincrasias lexicais que dificilmente poderão ser captadas por regras gerais da Sintaxe, pelo que, de algum modo, o Léxico tem de ocupar um espaço na organização da gramática (Brito 2010: 4-5).

Equacionando uma estreita relação entre Léxico, Morfologia e Sintaxe, a autora refere que:

Uma língua como o Português é rica em processos morfológicos, em particular a flexão, a derivação e a composição. Mas a flexão está estreitamente ligada à Sintaxe e mesmo certos processos morfológicos, como a derivação, situados tradicionalmente na Morfologia, têm repercussões de tal modo evidentes na construção sintática (pense-se na alteração das estruturas argumentais, da marcação casual e da ordem dos constituintes) que é possível pensar numa relação mais estreita entre Léxico, Morfologia e Sintaxe (Brito 2010: 4).

Para Niklas-Salminen (1997: 27), o léxico é uma entidade teórica e uma realidade da língua, distinto do vocabulário, que se situa no plano discursivo:

Le lexique d'une langue doit être considéré, avant tout, comme une entité théorique. C'est l'ensemble des mots qu'une langue met à la disposition des locuteurs. Le vocabulaire est, pour sa part, souvent envisagé comme l'ensemble des mots utilisés par un locuteur donné dans une réalisation orale ou écrite. Selon cette perspective, le lexique est une réalité de *langue* à laquelle on ne peut accéder que par la connaissance des vocabulaires particuliers qui sont une réalité de *discours*.

No âmbito da reflexão em torno das concepções de léxico, assume também pertinência o dicionário enquanto *locus* de registo sistemático do léxico de uma língua. Nesse sentido, Krieger (2007: 297) considera que os dicionários, «ao registrarem, de modo sistematizado, os itens lexicais de uma língua dão coesão às sociedades e projeção às suas culturas, porquanto definem a identidade linguística dos povos».

Como sintetiza Vilela (1994: 6),

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico numa comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.

Os dicionários da atualidade não têm a pretensão de representar todo o léxico de uma língua, atendendo ao facto de que o léxico é concebido como uma realidade que não oferece a possibilidade de ser descrita em extensão.

Analisando as mudanças de perspectiva em lexicografia e as conseqüentes transformações operadas nos dicionários publicados no século XXI, Correia (2008: 83) considera que «Os bons dicionários de hoje são representativos de fatias bem delimitadas do léxico de uma língua, de vocabulários claramente delimitados em função de critérios como a frequência de ocorrência das palavras e o seu interesse para o público-alvo».

2. O léxico com um domínio interface

O domínio do léxico reveste-se de primordial importância no modelo de Linguagem *Arquitetura Paralela* de Ray Jackendoff, uma vez que é a visão de léxico que sustenta e se sustenta no modelo em arquitetura paralela. Na concepção jackendoffiana, o item lexical tem como função servir de interface:

[...] *the function of lexical items is to serve as interface rules, and the lexicon as a whole is to be regarded as part of the interface components. On this view, the formal role of lexical items is not that they are «inserted» into syntactic derivations, but rather that they establish the correspondence of certain syntactic constituents with phonological and conceptual structures (Jackendoff 2002: 131).*

Apresentando e discutindo o modelo de Linguagem *Arquitetura Paralela* de Ray Jackendoff, Rodrigues (2012: 70) dá a conhecer uma nova visão do léxico: «o léxico como um domínio de interface». Segundo o modelo *Arquitetura Paralela*,

um item lexical contém traços das estruturas fonológica, semântica e sintática. Assim sendo, um item lexical será protagonista da interface entre as três estruturas (Jackendoff 2002: 131).

Esta visão tem como consequência o estatuto do léxico como um domínio de interface. Um item lexical não é, assim, inserido numa estrutura sintática; antes opera a interface entre as três estruturas paralelas (Rodrigues 2012: 70).

Analisando o fundamento neurológico subjacente à conceptualização do léxico como domínio de interface, a autora prossegue a sua reflexão:

Esta concepção do léxico como um domínio de interface possui fundamento neurológico. Segundo William Calvin & Bickerton (2000: 22-23), estudos neurológicos demonstram que a ativação na mente de um dado item lexical acciona uma série de subestruturas. Assim, para se proceder ao acesso lexical de, por exemplo, *cão* é accionada a representação visual relacionada no córtex visual; a sua representação fonológica em subestruturas no córtex auditivo; a sua produção fonética em constituintes motores localizados no lobo frontal, etc. Não existe, pois, um domínio do cérebro onde esteja armazenado o item *cão*. Diferentes estruturas desse item estão localizadas em domínios diversos de acordo com o tipo da sua computação (Rodrigues 2012: 70).

Neste sentido, Rodrigues (2012: 71) considera que esta conceção do léxico como um domínio de interface viabiliza a compreensão da existência de itens lexicais que não têm sintaxe, embora tenham fonologia e semântica. Exemplificando: «*yes, hello, goodbye, ouch, oops, dammit, hey, shh, psst, abracadabra, cockadoodledoo* (Jackendoff 2002: 132-133)». Verifica-se, por outro lado, a existência de itens lexicais com fonologia e sintaxe, mas sem semântica: «Jackendoff (2002: 133) apresenta como exemplos *it* em *It's hot in here* e *do* como auxiliar em *I didn't like him.*». Outras formas apresentam uma vertente semântica e sintática, mas não possuem fonologia: «Enquadra-se neste tipo o pronome vazio (PRO) que, em inglês, é estabelecido como sujeito das infinitivas, como em *Bill tried [PRO] to talk.*». Segundo Rodrigues, Jackendoff refere também itens lexicais detentores de fonologia e isentos de sintaxe e de semântica: «Esses itens têm como função o preenchimento de estruturas métricas em rimas infantis (e.g. *eenie-meenie-minie-moe, hickory-dickory-dock*).».

Rodrigues transpõe esta abordagem para a língua portuguesa:

Para o português, podemos elencar itens enquadráveis nestes tipos:

- a. itens com fonologia e semântica, mas sem sintaxe: advérbios como *sim*, interjeições como *olá!*, *ai!*, *bolas!*, ou onomatopeias como *cocorococó*;
- b. itens com fonologia e sintaxe, mas sem semântica: verbos auxiliares ou o pronome *ele* ocorrente em *Ele chove tanto!*;
- c. itens com semântica e sintaxe, mas sem fonologia: ausência de sujeito expresso em *Leu o livro*;
- d. itens com fonologia, mas sem semântica nem sintaxe: *pimponeta-pitá-pitá-pitucha-pim* (Rodrigues 2012: 71).

Rodrigues (2012: 71) refere que Jackendoff alerta para a possibilidade de itens como «*hello, no, psst*, ou seja, que contêm geralmente fonologia e semântica, mas não sintaxe, poderem, no entanto, emergir com sintaxe, numa ocorrência metalinguística».

Salientando o «caráter mais livre de itens com sintaxe e fonologia, mas sem semântica (e.g. verbos auxiliares), e de itens com sintaxe e semântica e sem fonologia (e.g. PRO)», Rodrigues (2012: 71) preconiza que

Nestes dois tipos, há a possibilidade de o mesmo item ocorrer com as informações respeitantes às três estruturas em simultâneo. Isto parece funcionar como argumento em favor desta perspetiva da arquitetura paralela que desenha o léxico como o ponto de interface entre as diferentes estruturas.

Como tal, de acordo com Rodrigues (2012: 74), Jackendoff rejeita a oposição léxico/gramática, seguindo quadros teóricos como a Gramática Construcional, a Gramática Léxico-Funcional, ou a Gramática Cognitiva, e estipula que «um item lexical é uma regra de interface, enfatizando que tanto regras como itens lexicais estão armazenados na memória de longo prazo». Nesse sentido, o protagonismo que a Arquitetura Paralela concede ao acesso lexical coaduna-se com as teorias do processamento.

Segundo Rodrigues (2012: 75), a conceção que Jackendoff apresenta do léxico implica uma ligação mais forte entre a teoria da competência e a teoria da performance. Em oposição à Gramática Generativa Standard, a arquitetura paralela de Jackendoff retira o papel principal à sintaxe.

Conclusão

Decorrente da investigação nas diversas disciplinas da linguística contemporânea, acedemos, atualmente, a um conhecimento mais cabal dos diversos tipos de saberes associados ao léxico como referimos na introdução.

A reflexão levada a cabo permite-nos entender a constituição, a aquisição, bem como a forma de processamento do saber lexical. Os avanços da neurobiologia e das ciências cognitivas revestem-se de suma importância para a compreensão do conceito de léxico, enquanto módulo interativo e paralelo situado entre as estruturas conceptuais e as linguísticas.

O léxico passa, então, a ser perspetivado como uma rede de itens lexicais, os quais se encontram associados por nexos semânticos e conceptuais, imprescindíveis para a estruturação do mesmo.

Em oposição à gramática, o léxico encontra-se intimamente associado ao conhecimento do mundo, por isso, o seu estudo, numa perspetiva exclusivamente imanentista ou linguística no sentido restrito do termo, isto é, sintática, não é exequível. O contributo da linguística cognitiva foi decisivo para esta perceção uma vez que a arquitetura paralela de Jackendoff, na perspetiva que lhe foi dada por Rodrigues, retirou à sintaxe o papel principal no estudo do léxico.

Em suma, do ponto de vista linguístico, o léxico representa o conjunto de unidades, manifestando uma estrutura própria e uma profunda rede de relações entre as múltiplas dimensões que o constituem.

Referências

- Biderman, M. T. C. (2001). As ciências do léxico. In A. M. P. Oliveira, A. N. Isquierdo, & I.M. Alves (Ed.), *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia* (p.13-22). Campo Grande: Editora UFMS.
- Bresnan, J. (1982). Control and complementation. In J. Bresnan (Ed.), *The mental representation of grammatical relations* (p.282-390). Cambridge, Mass./London: The MIT Press.
- Brito, A. M. (Ed.) (2010). *Gramática: História, Teorias, Aplicações*. Fundação Universidade do Porto:Faculdade de Letras.
- Chomsky, N., Lasnik, H. (1977). Filters and Control. *Linguistic Inquiry*, 8.3, 425-504.
- Chomsky, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: M.I.T. Press. (Traduzido para o Português por José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo, *Aspetos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Arménio Amado – Editor, Sucessor, 1978).
- _____ (1970). Remarks on nominalization. In N.CHOMSKY. *Studies on semantics in generative grammar* (p.11-61). New York: Mouton Publishers.
- _____ (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- _____ (2000). *New Horizons in the Study of Language and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Correia, M. (2008). Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. In M. A. Júnior (Coord.), *Lexicon – Dicionário de Grego-Português, Actas de Colóquio*. Lisboa: Centro de estudos Clássicos / FLUL, pp. 73-85.
- Coseriu, E. (1977). *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos.
- Fodor, J. (1983). *The modularity of mind*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Jackendoff, R. (1975). Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language* 51, 639-671.
- _____ (2002). *Foundations of language. Brain, meaning, grammar, evolution*. Oxford: Oxford University Press.

- Katz, J. J., Fodor, J. A. (1963). *The structure of semantic theory*. In *Language* 39, pp. 170-210.
- Krieger, M. G. (2007). O Dicionário de Língua como Potencial Instrumento Didático. In O. CARVALHO, M.BAGNO (Org.), *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. vol III* (295-309). Campo Grande, MS: Ed. UFMS.
- Mel'čuk, I. (1988). Paraphase et lexique dans la théorie sens-texte. Vingt ans après. *Cahiers de Lexicologie* 52:1.
- Mel'čuk, I., A. Clas & A. Polguère (1995). *Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire*, Louvain-la-Neuve/Paris: Éd. Duculot/AUPELF UREF.
- Niklas-Salminen, A. (1997). *La Lexicologie*. Paris: Armand Colin.
- Rey-Debove, J. (1970). Le Domaine du Dictionnaire, *Langages*, 19, 3-34.
- Rio-Torto, G. M. (2006). O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais. In M.F. Athayde (Coord.), *Estudos sobre léxico e gramática* (p.11-34). Coimbra: CIEG/FLUC, 2006.
- Rodrigues, A. S. (2004). *Condições de formação de nomes postverbais em português*. In G. Rio-Torto, R.A. Pereira, A. Rodrigues (Ed.), *Verbos e nomes em português* (p. 129-185) Coimbra: Livraria Almedina.
- _____ (2012). *Jackendoff e a Arquitetura Paralela Apresentação e discussão de um modelo de linguagem*. Muenchen: Lincom.
- Vilela, M. (1979). *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra: Almedina.
- _____ (1994). *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina.

Enviado em 20 de junho de 2017.

Aceito em 18 de agosto de 2017.